

## Ética e Política de uma prática

Clara Cruglak

O modo como um analista faz laço com outros está determinado por uma ética que articula seu fazer com o Real que motiva sua prática. E entendo que a condição de possibilidade para que esse laço com outros se sustente na hipótese do inconsciente e não na psicologia das massas está enraizada na transmissão da psicanálise, do campo da intensão à extensão. **O núcleo dessa questão está em como a experiência do Inconsciente passa à extensão.**

A ligação entre ambas – intensão e extensão – de acordo com a proposição de outubro de 67 ganha forma de escola e um novo dispositivo – o passe – nos dá a possibilidade de lê-la. Prestemos atenção nos termos que entram em jogo em dita ligação, que são os mesmos que dão forma à nossa experiência, e poderemos destacá-los da proposição. Esses termos são<sup>1</sup>: a colusão, a heterotopia, a facticidade e os três registros RSI. Para propiciar essa passagem da experiência do inconsciente ao campo da extensão, tentarei dar relevo à colusão dos três registros – Real, Simbólico e Imaginário – dimensionados com os parâmetros de três facticidades na heterotopia.

O que implica a colusão dos três registros na heterotopia?

A colusão será o modo no qual os três registros R.S.I serão colocados em jogo, exercendo uma tensão, uma tração cuja eficácia consistirá em manter a potência de cada registro sem que nenhum deles perca poder ou ultrapasse o outro em sua função de conluir. Trata-se de um jogo de tensões, um “coludere”, um jogo determinado por três termos: a segregação

---

<sup>1</sup> Jacques Lacan. *Proposición del 9 de octubre de 1967 sobre el psicoanalista de la Escuela*. Em: *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós, 2012, pág. 274. (O sublinhado me pertence).

como facticidade no registro Real, o Ideal como facticidade no registro Imaginário e o mito edípico como facticidade no registro Simbólico.

Reconhecendo estes termos da estrutura – a Segregação, o Ideal, o Édipo – entrelaçados com os parâmetros da facticidade, observamos que é justamente o que dispõe e subordina a dimensão ética do ato na extensão.

É esperável que ocorra, mas pode ser que não ocorra. Isso quer dizer que não se trata somente do resolvido pelos regulamentos ou estatutos que poderiam reger o coletivo de analistas, mas de um funcionamento ético em si mesmo para ir tornando possível esse *coludere*, esse jogo entre e com as três facticidades. Digo “ir tornando possível” porque a facticidade não é o fato nem o que está dado como resolvido – e que bem poderíamos pensar dentro da ordem do não realizado à maneira do inconsciente.

Assim, é provável que o coletivo de analistas convoque a singularidade do dizer de cada um, o dizer como fato que funda o espaço aí onde, quando um analista operador do discurso da psicanálise fala e diz, efetua a heterotopia. Então, estar só entre outros propicia a geração do laço social em transferência de trabalho e não exclusivamente na fraternidade, causante de segregação.

O que é a heterotopia? Básica e radicalmente é “um espaço outro”. Termo introduzido por Michel Foucault como “espaços diferentes”. Espaços que são pura e simples abertura. Todo mundo pode entrar neles, mas “(...) em verdade – adverte Foucault – uma vez que se está dentro, percebe-se que é uma ilusão e que se entrou em lugar nenhum”<sup>2</sup>.

A heterotopia, em nossa prática – como venho pensando – é um lugar aberto ao dizer e pelo dizer de cada qual, com a sutil propriedade de manter o sujeito fora simplesmente pelo efeito que propicia a singularidade do fato de dizer.

---

<sup>2</sup> Michel Foucault. *Topologías*. Em: *Fractal* N°. 48 (janeiro-março, 2008), Ano XII, Volume XIII. págs. 39-62.

O desejo do analista como lugar vem sublinhar esse ponto, porque é esse lugar do qual se está fora sem pensar nisso, mas onde estar é ter saído dele, isto é, essa saída ter sido tomada somente como entrada, e essa entrada é muito precisamente a via do psicanalizante<sup>3</sup>. Isso consoa com a ética de bem dizer o desejo que habita aquele que pretenda estar nesse lugar. Um lugar outro a cada vez e que não se localiza em lugar nenhum mais do que pelo fato de ser da ordem do dizer.

É justamente o que não deveríamos perder de vista ao tentar “centrar nosso horizonte onde se enoda a intensão à extensão”, porque estimo que é o que limita os efeitos da segregação. Não é da ordem do ser o que se arrisca no dizer, é a dimensão do fazer. Fazer Escola. Fazer dispositivos, inventar novos dispositivos transferenciais como a Lacano, Convergência, Fóruns e Tertúlias que envolvem cada um em seu dizer.

Lacan propõe uma Escola que forme operadores para realizar a tarefa, comprometendo assim a psicanálise no mundo. E isso não será a partir de uma cosmovisão, mas sim “de nossa política, de nosso modo de conceber certo laço social”<sup>4</sup>. E é esse o modo de laço social que está comprometido quando afirma que o inconsciente é a política<sup>5</sup>.

Conhecemos o efeito de “grupo consolidado” devido ao efeito de “discurso esperado” da experiência freudiana. Freud assume o risco de certo estancamento centrando a associação em interesses científicos, como um modo possível, quiçá, para evitar a extinção da experiência. Conhecemos o custo disso: a transformação em igreja.

Se hoje podemos dar relevo ao que faz parte de nossa experiência é porque a colusão nos permite ler as linhas tensionais do pulsional no laço social bem como supor que os dispositivos com os quais nos convocamos ao trabalho ordenam os gozos que a pulsão coloca em cena. A suposição de “saber fazer com isso” no laço social também requer da função que lhe atribuímos ao operador na extensão.

---

<sup>3</sup> Jacques Lacan. *Discurso en la Escuela Freudiana de Paris (1967)*. Em: *Otros Escritos*. Buenos Aires, Paidós, 2016. pág. 284.

<sup>4</sup> Jaques Lacan Conferência nas Universidades dos EUA 1975.

<sup>5</sup> Jaques Lacan Seminário 14 A lógica do fantasma, 10/4/1967

Observamos que algo da “facticidade” deve estar em jogo quando dizemos que o psicanalista se autoriza por si mesmo; isso é uma facticidade propiciada pela cena analítica. O “com outros” ou “perante outros” compromete o campo da extensão. Porque sustentar essa tensão agônica, R.S.I., implica a facticidade do ato analítico e dos artifícios e dispositivos que usamos (inventamos, como dizia antes) para fazer passar a experiência em ato.

Quer dizer que pode não ocorrer, insisto. Que isso não é um “facto”: um fato. Teremos que colocar em jogo as três facticidades para constituir nossa experiência em ato. E, de que depende isso? Depende do que se entende quando se lê: “Existe um Analista” e sobretudo quando dizemos: “Um analista é ao menos dois”. Existe “um analista”, e essa propriedade é o que torna possível o fato de cada um – a partir de sua experiência de fim de uma análise – testemunhar essa existência como forma de ligar ali um sujeito cuja função teria de ser satisfeita. Considero que a experiência do passe propicia isso. Propicia e aloja as condições de possibilidade para que esse testemunho passe.

Podemos afirmar que não há ato analítico fora da transferência e que a passagem da intensão à extensão requer situarmos o ato no registro do político, com o que diremos que a própria passagem da intensão à extensão compromete um ato político. Os dispositivos que praticamos no campo da extensão não desconhecem o peso político do tratamento do Real por meio do simbólico. Um operador é quem apresenta a psicanálise no mundo porque a psicanálise, além de ser uma prática ligada a uma tentativa de cura, a uma terapêutica, se preferirmos, faz parte da cultura e conseqüentemente está submetida às vicissitudes da época.

É a partir dessa perspectiva que entendo que a colusão das três facticidades, gerada na heterotopia, não só não delimita um dentro de um fora, mas também é um lugar que não permite nem fomenta configurar um conjunto fechado. Não há totalidade possível e, mais ainda, se levarmos em consideração a dinâmica da facticidade que implica: “um movimento de simultânea abertura e fechamento”. Então, a heterotopia oferece as condições

necessárias para desativar – ou moderar – a potência exterminadora da segregação, tanto quanto o gozo opressor do chefe ou do ideal.

É pertinente e vale a pena recordar que este Congresso de Convergência que estamos realizando é em si mesmo e coloca em ato o Movimento Lacaniano pela Psicanálise Freudiana. É um movimento gerado heterotopicamente, apresenta o ponto vórtice onde é possível que o laço entre analista dissipe os efeitos de grupo.

Então, **por que e como um analista faz laço com outros? Porque há uma lógica da ética e uma topologia da experiência que possibilita seguir a pegada do Real que ali está em jogo para fazer passar a experiência do inconsciente, configurando o campo da extensão a partir dessa espécie privilegiada do desejo que é o desejo do analista.**

O modo no qual cada um realiza sua experiência da análise, como condição *sine qua non*, será em cada caso o seu, porque é nos domínios da intensão em que se nutre a especificidade de um desejo que orienta o que designa, no fim da partida, como desejo do analista rumo ao campo da extensão. É a condição de possibilidade que dá existência a um analista. Dando relevância, assim, à importância que tem reconhecer os limites éticos da análise, porque ditos limites coincidem com os de sua práxis na hora de distinguir o grau de suas variantes. Estamos advertidos de que quando o desejo do analista está em causa, desenha variantes de estilo e não um único destino coagulado no dever ser para quem pratica este ofício.

Essa prática estendida tem seu horizonte centrado por não desconhecer a incidência do ato analítico nem o Real que está em jogo na análise do analista, na formação do analista e na transmissão da psicanálise.

**Clara Cruglak**